



“Dinheiro pra casar, dinheiro pra causar, dinheiro pra te ver, dinheiro pra viver”. O que é o dinheiro? Uma ferramenta de troca, claro. Reais? Euros? Rupias? Dólares? Libras esterlinas? Yens? Não, não. É ação de bolsa de valores? É crédito especulativo? Os juros? Master Card e Visa? Vale-transporte e refeição? São as milhas “sorrisos”? O cartão das Casas Bahia? O vale desconto da revista Tititi? Dinheiro é isso? Não, não. Ele apresenta-se nestas formas, sim. Mas, ainda assim, frisa-se, não é isso: **dinheiro é uma metáfora, uma coisa que significa outra coisa**. Significa que aquele objeto, o dinheiro, representa uma “medida de troca”. Seu acúmulo não é sinônimo, por isso, de progresso. E se todo o dinheiro do mundo sumisse, agora, aqui? Teríamos as mesmas pessoas, as mesmas máquinas, o mesmo ambiente, as mesmas potencialidades, mesmas idéias...menos o dinheiro. Apenas não teríamos a medida de troca que nós mesmos criamos: e, claro, não a criamos para nos dificultar. Ela não pode impedir o progresso humano: deve facilitá-lo.

Dinheiro no Conjunto Palmeira é Palmas, uma moeda fiduciária, ou seja, que tem valor pela confiança que as pessoas têm nela. É a mesma lógica adotada pelas economias liberais nacionais, a partir de 70, quando o presidente americano Nixon desvinculou o dólar do padrão-ouro. Na lógica estatal, o dinheiro tem valor pela garantia que o próprio governo dá. No Conjunto Palmeira o Banco Palmas é quem faz esse papel de garantir o valor da moeda. Com sua estrutura orgânica muito bem resolvida e desenvolvida, os Palmas são aceitos em vários estabelecimentos da região, para comprar gás de cozinha, produtos alimentícios e de higiene e limpeza, para pagar empréstimos bancários feitos no Banco Palmas, para andar de ônibus, comprar remédios, presentes e móveis de casa. Serve como mecanismo de troca e só: ele garante que aquele local terá interação entre os prosumidores (consumidores e produtores, que todos somos) que ali vivem. O dinheiro aqui é exclusivamente de papel, dotado de um adesivo de segurança com o símbolo e os dizeres “Banco Palmas”, além de um código de barras e um número de série – tudo para evitar a falsificação e garantir o valor daquelas notas. Em seu verso, lê-se a impotente advertência conscientizadora: “Está totalmente proibida a troca ou negociação deste bônus por dinheiro. Ele só poderá ser utilizado como meio de bonificação na aquisição de mercadorias por serviços com comércio e pessoas conveniadas com a ASMOCONP, com valor de 1 bônus por um real. Essas atividades promovem **o desenvolvimento local social e ambientalmente sustentável**”. Há, ainda, no verso, um símbolo que funciona como marca d’água e que nos coçou muito a cabeça nesta tarde.

Trata-se de uma cornucópia. Palavra de origem latina, cornu copiae = chifre da abundância. De acordo com a mitologia grega, Zeus teria sido alimentado por uma ninfa do Olimpo com leite de cabra. Quando crescido, Zeus presenteou esta com um chifre de cabra mágico, capaz de produzir infinitamente alimentos e o que mais seu possuidor

desejasse. É, claro, símbolo de abundancia. Nos Palmas a abundancia é visível: representa trabalho, que todos podem dar à comunidade, e que foram materializados em moeda – como uma medida de troca.

Essa abundancia não pode ser desperdiçada. Temos força, idéias, vontade, necessidades de nos relacionarmos...O dinheiro, nossa metáfora, nossa medida de troca, deve nos ajudar.

Por isso a cornucópia foi eleita como estigma para o FIDES. Temos essas abundancias; só precisamos fazê-las interagirem: precisamos de uma metáfora nova às pessoas que não têm acesso à “medida de troca” estatal (no nosso caso, o real). Potencial humano em abundancia, convergindo para um mesmo objetivo; pessoas que progridem juntas, que interagem como uma unidade composta por humanos. Como HUMANIDADE...

As cores também se mostram lógicas, desenvolvidas pela cultura rastafári. O vermelho representa o sangue dos mártires africanos; o verde, a vegetação do país; e o amarelo toda a riqueza e prosperidade da África. Os mesmos valores são por nós aceitos, mas, claro, num contexto mais abrangente que o que se restringe à África. Falamos e tencionamos auxiliar a humanidade...

O FIDES tenciona ser uma ferramenta para a interação humana. O nosso valor está na confiança recíproca que existe entre esta unidade. Por isso o nome FIDES: palavra de origem latina, que significa “confiar”. E é essa confiança e essa união que nos dão **Força** e **Identidade**, e que nos permitem o **Desenvolvimento Solidário**. O FIDES surge num contexto atemporal e global: vem da união de valores gregos, latinos e africanos, que estimulam e estimularam grande parte da cultura humana no globo todo.

“Faço todo mundo crer que o buraco é mais em cima e que as pessoas não precisam tanto de dinheiro, não!” (esta e a primeira frase são estrofes da música “Dinheiro” do grupo curitibano Molungo)